VITORINO NEMÉSIO

# CAMILO

CONFERÊNCIA PROMOVIDA PELA UNIVERSIDADE LIVRE E PRONUNCIADA NO SALÃO NOBRE DOS PAÇOS DO CONCELHO DE COIMBRA, EM 16 DE MARÇO DE 1925.

COM O DISCURSO DO SENHOR DOUTOR EUGÉNIO DE CASTRO

COIMBRA
EDIÇÃO DA UNIVERSIDADE LIVRE
1925

# CAMILO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
GRÁFICA CONIMBRICENSE, LIMITADA — LARGO DA FEIRA — COIMBRA

VITORINO NEMÉSIO

# CAMILO

CONFERÊNCIA PROMOVIDA PELA UNIVERSIDADE LIVRE E PRONUNCIADA NO SALÃO NOBRE DOS PAÇOS DO CONCELHO DE COIMBRA, EM 16 DE MARÇO DE 1925.

COM O DISCURSO DO SENHOR DOUTOR EUGÉNIO DE CASTRO

COIMBRA
EDIÇÃO DA UNIVERSIDADE LIVRE
1925

SEPARATA DO "TRÍPTICO" N.º 8

*A*

*AURÉLIO QUINTANILHA*

*Meu Amigo:*

*Quando, há três ou quatro dias, proferi em público estas palavras sôbre Camilo, senti a-par de uma alegria doce um desconsôlo amargo. Nascia aquela da sinceridade com que as havia cerzido; êste da míngua de um afecto, de um não sei quê que desejava e não vinha. Então nos encontrámos, e a si e aos seus devo uma hora suave: é pois em lembrança dela que aqui inscrevo o seu rectilíneo nome.*

*Com a pobreza franciscana da oferta singularmente destoa a riqueza dos dons do meu Amigo. Espere porém que eu possa dedicar-lhe quanto lhe devo, um dia.*

*V. N.*

# DISCURSO DO SR. DOUTOR EUGÉNIO DE CASTRO

MINHAS SENHORAS,
MEUS SENHORES:

A Direcção da Universidade Livre de Coimbra gentilmente me convidou para presidir a esta sessão, precisamente na hora em que eu, dando balanço à minha vida e vendo-me já inscrito na melancólica irmandade dos velhos, resolvera retrair-me e fugir quanto possível do mundo, não para ir professar em qualquer convento, mas para, no remanso do meu escritório, consagrar o resto dos meus dias ao culto da minha arte.

Animado de semelhantes propósitos, naturalmente esbocei uma recusa ao convite que me era feito, mas breve me submeti, prometendo aceitá-lo, não só porque sempre me custou muito corresponder com a feia palavra *não* a uma solicitação amável, mas ainda porque me seria doloroso perder o ensejo de publicamente afirmar o que neste momento lhes afirmo com a maior sinceridade: em primeiro logar, a minha simpatia pela Universidade Livre, na fé de que são humana e patrioticamente generosos os intuitos que determinaram a

sua instituição; em segundo logar, a minha admiração profundíssima e o meu enternecido reconhecimento para com o genial torturado de S. Miguel de Seide, que não cheguei a conhecer pessoalmente, mas com quem me correspondi e a quem devi os mais afectuosos incitamentos, quando eu, sendo ainda uma criança, dava os primeiros passos ou, talvez melhor, as primeiras topadas na pedregosa carreira das letras; em terceiro logar, e por último, a minha estima pessoal e artistica pelo senhor Vitorino Nemésio, moço escritor que tão brilhantemente se revelou e cujo espírito, já hoje em radiosa e abundante florescência, certamente nos dará em breve os mais belos e suculentos frutos.

Com a maior satisfação, dou a palavra ao senhor Vitorino Nemésio, antecipadamente convencido de que a sua conferência será digna dos seus créditos e da memória do romancista que escreveu, com a cabeça e o coração em brasa, as páginas imortais do *Amor de Perdição*.

# I

Senhor Doutor Eugénio de Castro,
Minhas Senhoras, Meus Senhores:

Quem vos vai falar sôbre Camilo não é camilianista, não pertence à confradia vasta dos que o têm por grão-mestre; mas sendo um pobre escrevedor de coisas, humilde peão da linguagem, aceitou êste pesado encargo de se ocupar do cavaleiro, como o apagado grão de areia aceita do sol que o ilumina a luz celeste e crua, deslumbradora luz que a tudo obriga, e que por ser etérea, incoercível, é que tanto vive no sol como no pó mesquinho. Era de-certo melhor que, para instrução da leitura camiliana, alguém idóneo aqui viesse, vos falasse nìtidamente de Camilo, esclarecesse a vida do escritor sem chocalheiras rebuscas, colhesse, emfim, para vos mimosear, as verdadeiras flores de maravilha que vingaram na sarça de tantos milhares de laudas. Sarça tão grande e requeimada, que parece, qual novo Monte Olivete, regada a suor e sangue de agonia.

Mas, já que vos não elucida quem deve, possam ao menos vossos ouvidos guardar uma voz que se eleva em honra do escritor, e deseja, neste concêrto do centenário e em presença dum príncipe das letras, ter um

afino que lhe não desdoure a memória. Nas procissões de Entêrro das aldeias, em sexta-feira-santa, vai um banquinho a que trepa um figurante da santa mulher Verónica. Dêle abaixo se expõe a vera efígie de Cristo. E' pois guardando as proporções devidas entre êsse quadro e o de hoje, que eu vejo aqui, nesta cátedra simples e também ambulante da Universidade Livre, o pobre banco de cima do qual se diz o comovido *O vos omnes*. E à semelhança da personagem litúrgica, posso mostrar-vos o sudário — rosto sangrento sôbre fundo branco — dêsse Camilo que foi o mais cruciado, o mais triste, o mais doloroso e sombrio dos escritores portugueses.

As minhas primeiras leituras de Camilo datam do ano de 1911, se é que não estou enganado; e lembro-me de que, convalescente, estranhamente me souberam. Não poderei agora recompor minhas pueris ideias, os sentimentos que nesse tempo antigo a pena do escritor foi acordando em mim. Seria curiosa, entretanto, a minha auto-restituïção à era, já longínqua, em que recebi pela primeira vez tão duradoira impressão. Sensações, pensamentos, tôda a teia espiritual da vida nos enreda melhor quando nos colhe meninos. Há então em nós uma frescura que pouco a pouco deserta, e é como se água lustral, derramada numa superfície enorme, fôsse fugindo sob o calor da vida em fumo vago e cheiroso. Assim Camilo me veio encontrar um dia. E se mais tarde outras prosas me deleitaram, pelo boleio, pela graça de linhas gerais mais sóbrias, de-certo a prosa dêle, com dar-me então uma rara impressão de fôrça, me deu a medida dum sentir português que não conhece excedente.

E', com efeito, esta identificação de Camilo com o seu meio, o que faz dêle êsse tão querido autor, o

mais popular entre todos, acomodando-o às inteligências cultas e às menos providas mentes. ¿ Que circunstâncias, porém, compareceram nêle para formá-lo assim, dando-lhe molde tão àparte na galaria dos escritores seus coevos, não digo já portugueses, peninsulares até ?

Variadíssimas foram, e só o catálogo delas ocuparia um precioso tempo a quem pudesse fazê-lo. Não se trata, em verdade, de aglutinar *a priori* considerações de meio; a vida amorosa e vária, à portuguesa; a educação absorvente entre a livresca poeira dos nobiliários e dos crónicons; a inquinação do virus de uma sociedade gasta, ingénua e tumultuosa; emfim, a dolorosa condição de grilheta da pena, com o editor à vista. Cuidar-se-ia de exumar do aluvião da prosa, que se tem gasto sôbre o homem — e que eu venho acrescentar destas inúteis palavras — o rigoroso estudo que se exige e o explicaria de vez. Mas nem sou eu a pessoa obrigada a isso, nem posso mais do que louvar-lhe o estilo. — Para os devotos desta figura enorme na nossa literatura, não é, de resto, indiferente um depoïmento a mais, por muito pobre que seja.

Filhado numa língua que ao doce sabor das trovas acrescenta, no discurso sem rimas, a vigorosa riqueza de uma elocução variada, o estilo de Camilo não se assinala pelo traço largo, lés a lés, embora suave e lesto no correr, que dá à linguagem de Eça de Queiroz — por só tomar o mais perfeito exemplo — êsse aspecto de harmonioso curso de uma levada alegre. O segrêdo da composição, dos quadros reais e eqüidistantes na novela, não o possuíu Camilo grandemente, e é talvez esta a razão porque o seu génio exubera e tem pessoalidade. Refiro-me a êsse cunho egotista, que dá à prosa do mestre um tom de cavaqueira: ou a oração romântica e convulsa, molhada de lágrimas, ou a mal

contida impulsão da veia aguda, hílare, violenta, que se resolve a cada passo num formidável jôgo de imprecações e doestos. Assim, desviado da preocupação unificadora, quanto à novela e ao romance; apartado da obsessão do todo, do completo, da urdedura inconsútil e harmoniosa dos livros, o temperamento de Camilo devia de achar-se à vontade para viver mais nas linhas que nas páginas, e nas palavras mais do que nas linhas. Isto se prova justamente quando o escritor pretende ir com a moda realista, não podendo nela encontrar a fórmula rigorosa, impessoal e nítida que é a virtude da escola, mas mais uma vez o pretexto para dar largas à sátira de *Eusebio Macario* e *A Corja*.

De grande vida verbal falei eu; e é relendo algumas das mais celebradas páginas de Camilo, do Camilo sarcasta e maligno, zargunchador e azêdo, que se tem a impressão de tal superabundância.

Estas coisas do estilo, meus senhores, as mais custosas de revelar e entender, perdoareis que eu exponha com menos rigor de crítica e alguma retórica a mais. São os mistérios duma arte que ainda não tem ensino regular. Suspeitam-se, não se afirmam; entrevêem-se apenas, não se lobrigam bem; — um pouco são como a chave dos dias nefastos na avara mão dos pontífices. Por isso talvez os escritores, quando nos falam de processo, nos parecem às vezes bastante obscuros e vagos.

Eu nunca esquecerei, por exemplo, uma conversa com Aquilino Ribeiro sôbre questões desta índole. Fazia êle o alto favor de me ouvir, sob a Arcada, em Lisboa, e generosamente me expunha o plano do seu *Romance da Raposa*, ainda inédito então. Conhecido de mim o propósito de desenhar a raposeta com todo o ardil que tem, — mestra, um pouco, e na medida do razoável, da precavida conduta que até as crianças

serve — viemos depois a falar do seu *Jardim das Tormentas*. Eu proclamando, sem prejuízo do texto *ne varietur*, as excelências da forma primeira do livro; Aquilino insistindo na superioridade da composição definitiva, peripatetizámos muito, com grande proveito meu. Mas o notável é o emprêgo constante que me fazia Aquilino, querendo explicar-me a técnica, de uma linguagem que era, sem dúvida, a mesma dum arquitecto ou pedreiro. Em sua bôca tudo era *volume, saibro, rebater, acamar*, — termos e verbos que lhe a êle pareciam da mais perfeita clareza. E, de facto, descobria-se neste falar figurado a lei da sua prosa. Como o alvenel e o canteiro, o escritor mantém, frente à obra, uma atitude a cada passo retida e agudamente vigilante. Se desbrava os grandes panos dum trecho, contém-se, depõe a-miúde a pena mais grosseira para pegar na mais fina. Se já afeiçoa uma descrição esboçada, um diálogo, um tôsco retrato literário, abranda o impulso, segura e larga contìnuamente os fios tão delicados das vozes, e esquadro, transferidor, o nível alternam-se na mão, que é a grande e justa regra. A pouco e pouco, assim, o gabinete do escritor se vai assemelhando a uma oficina de estatuário, com os seus torsos abandonados, as suas Vénus de Milo desmembradas e altas, os seus bustos, e aquela poeira onde a luz do trabalho ilumina, com mão doirada e esperta, como que os vagos caminhos de um sofredor pensamento. Eis o sinal, parece-me, da irmandade de todos os artífices pelo suor da tarefa. A beleza é a água duma única fonte pura. Searas, poemas, viadutos, estátuas de guerreiros e breviários de monjas, tudo o que é belo e útil sofre os transes iguais do eterno movimento. E o ritmo vigoroso, o prazer vivo de produzir e ser, outra coisa não é do que esta música estranha e em surdina, que vem dos malhos rudes, e das suaves penas a correr no papel.

## II

Se quisermos encorporar Camilo nalguma sorte de oficiais da pedra — esta pedra ora maleável e dúctil, ora demais empedernida, que é a preciosa língua portuguesa — havemos de compará-lo a êsses maçons lamecenses de cunhais e cornijas, tão pessoais e destros, que encheram de graça e mimo igrejas e casas do norte. Na verdade, como apontei há pouco, os seus apetrechos não serviam a grandes massas de prosa, onde se guardasse um ritmo sem pecado, uma envolvente linha de união que noutros autores existe. O seu léxico é rico, a sintaxe opulenta, mas a bitola de traçar as novelas varia em cada uma. No discurso polémico, então, o seu estilo é como um corcel desbridado. Espirra aí um sarcasmo cuja índole brava, causticante, se não subordina à contensão mais singela. Quem está em frente à página não é o experiente cinzelador que vai deixar a um canto o sainete, a imagem fina e ágil da ironia; — pelo contrário, é o génio ardente que se retrata nela com tôda a crua verdade, sem precauções nem ensaios, e, por isso que rude, desalinhado e desgrenhado às vezes.

Eu bem sei que o escritor sem paixão, impessoal e frio, que foque a vida fielmente, e, fazendo assim de vagamundo-fotógrafo, coleccione instantâneos sem que a chapa entremostre o gráfico da lente; eu bem sei que um escritor dêste gôsto é tão difícil de achar

como a uma esmeralda azul. Mas o que no comum dos livros revela àquele que escreveu, é em Camilo, não a velatura, a esfumada sombra pessoal, senão o desenho francamente autobiográfico, das mais flagrantes linhas. Nêle não faltou, portanto, a qualidade específica de personagem, a dupla face de criador-criatura, indispensável a apaixonar um povo que adora os reis que se fizeram reis, os navegadores que se determinaram por si, os desgraçados que a si buscaram desgraça.

Ora, facilitando a Camilo o curso franco entre as almas, esta dualidade do prosador o impediu de perfeitamente falar àquela casta de espíritos, cuja ânsia, avidez de comoção se não dessedenta em páginas convulsas, mas nos serenos fólios da lavra dos *jouisseurs*. Emprego a palavra estranha porque é estrangeiro o padrão dos escritores dêste gôsto. Em França, pelo menos, são êles os mais abundantes. Viajeiros na vida, sempre arredados das paixões que lhes servem para compor os livros, realizam o tipo da literatura fria, sempre feita de fora para dentro, em que o leitor, como de cómoda bancada, vê o desfile das figuras, extrai do cortejo o pitoresco e o ridículo, e quando assiste a um prorromper de lágrimas não sofre com quem chora, sente sòmente um rápido reflexo de piedade e tristeza. São estes escritores como aqueles índios a que Gaspar Correia refere, que apanhavam as cobras enrolando nas mãos uma virtuosa planta. Ficavam tontas e sem morder, as cobras; assim tais escritores não são tocados das paixões que tratam nos seus livros.

É esta, porventura — e dado que prometi falar do meu sentir sôbre o mestre — a ocasião de opinar que campo é o que prefiro ao estremar escritores: se a hoste calorosa onde se alista Camilo, formada por penas de aço, meio angélicas, meio demoníacas e sempre febris

a escrever; se a brigada aérea, subtil, em que luzem os cálamos alados, armando os Eça e Anatole de uma malícia fina. Confesso que a minha inclinação é para os maliciosos, onde não está Camilo. Se a prosa é uma arte, eu entendo-a com immutáveis normas de isenta observação. Quero dizer que o prosador deve tudo medir a uma distância certa. Os motivos pertencem ao mundo exterior, que os anima, os geresce e consome ao sabor das leis universais. Literários embora por mera posição, tais motivos não podem furtar-se à série que os comprime. Lá vivem, lá têm seu natural cabimento, aí mantêm relações tamanhas que não há separá-los. Ora, a meu ver, a grande virtude dos escritores objectivos, cujo modêlo português perfeito é Eça de Queiroz, consiste justamente no auto-domínio que realizam, e lhes permite serem aparentemente desnervados. Não se trata, porém, da apatia, da insensibilidade traída a incautos olhos. E' antes, o dêles, um estado muito agudo de receptividade ao meio, uma espécie de híper-nevrose crítica, que os habilita a serem, um pouco, os fios por onde segue a corrente. Espiritual corrente de não se sabe o quê, essencial à vida, mas portadora, de-certo, de todo o encanto e viveza que as obras de arte dão.

Camilo, creio, foi muito pouco assim. Minguou-lhe a permeabilidade a grande parte das sensações subtis que o universo reúne. Mas aquelas — e grandes foram — que o seu génio pôde entender e dar com garra poderosa, enfeixam porventura os mais vivos, os mais palpitantes documentos literários da língua portuguesa.

¿Porque o seu génio, de ouvido afeito só a certos murmúrios, concentrando-se nêles os repercutiu melhor? Não. Porque o idioma em que escreveu era o de uma nação cuja face, no corpo geográfico e étnico da península, é qualquer coisa de semelhante à metade da águia bicéfala da heráldica. E sendo assim a irmã

cognada de Espanha, Portugal há-de exprimir seu etos singular, sem grande aptidão de análise, apertado entre serras, sabido mais do mar largo do que da larga ideia. De resto, esta existência duma fisionomia ispânica inteiramente àparte, assinalada, no mais geral dos traços, por um predomínio do passional e dramático, é coisa há muito tempo constatada. Quanto ao fundo de identidade que existe entre a nossa pátria e a vizinha, não será de todo descabido lembrar aqui o que disse, prefaciando a primeira edição do seu livro *Horacio en España*, o maior humanista de aquém-Pirenéus, Menéndez y Pelayo: «¿Necessitarei explicar — indaga o mestre — porque chamei a êste livro *Horacio en España* e não *Horacio en Iberia?* Primeiro, porque o nome de *Ibéria* o desacreditou entre as gentes de bom senso certo partido político. Segundo, porque o nome de *Espanha*, que abusivamente aplicamos ao *reino unido de Castela, Aragão e Navarra,* é um nome de região, um nome geográfico, e Portugal é e será terra *espanhola,* ainda que permaneça independente por idades infinitas; mais: ainda que Deus o desagregue do território peninsular, e o faça andar errante, como a Delos, em meio das ondas. Não é possível romper os laços da história e da raça; não voltam atrás os factos, nem se altera o curso da civilização por divisões políticas (embora durem eternamente), nem por vontades humanas. Todavia neste século disse Almeida-Garret *(sic)*, o poeta *português* por excelência: «*Espanhóis* somos e de *espanhóis* nas devemos prezar quantos habitamos a península ibérica». *Espanha* e *Portugal* é tão absurdo como se disséramos *Espanha* e *Catalunha.* A tal extrêmo nos trouxeram — termina Menéndez y Pelayo — os que chamam *língua espanhola* ao *castelhano* e incorrem noutras aberrações dêste gôsto».

Aparte, é claro, o tal ou qual ardor do espanhol ortodoxo que nestes dizeres se acusa (Menéndez y

Pelayo fala *pro domo sua)*, o que reproduzi é inteiramente verdade. E, que o não bradasse tão grande autoridade, bastar-me-ia a prova que um acaso feliz me deu, não há um ano. Vinha eu de Paris, onde tomara o rápido de Hendaia numa manhã brumosa. No meu compartimento haviam abancado um jovem par, a meu parecer, bretão, uma senhora idosa com seu neto, e uma moça que devia de orçar por seus vinte anos frescos. Distraído como vinha, não deixei de notar que em todo o caminho, ao menos até Bordéus, a menina em questão não soltara um monossílabo único. E julgando-a francesa, porventura das relações do par de fresca data, entrei depois a supor não fôsse aquela uma pobre pequena triste, e saüdosa dos seus. Mas saco então dum *Diario de Noticias*, e eis que descubro a verdade.

— E' V. espanhol? — notou-me a senhorita, animada por aquelas letras, legíveis para ela, que o meu jornal continha.

Expliquei-lhe, que português. E objectando-me que que me entendia bem, desfiou seu rol de queixas, os dias tristes que passara em França em casa duns parentes, tôda a odisseia do seu castelhano bárbaro naquela terra estrangeira. Depois juntou-se a nós outro espanhol com um cãozito branco. E acarinhando-o com visível ternura — uma ternura que até no pobre bicho parecia achar um irmão *(— Perro más chico! Chico perro mio!)* — a pequena espanhola findou seu desabafo com esta voz singular:

— *Crea usted, señorito; ¡hasta tenia ganas de llorar!*

O combóio furara os Pirenéus. Um sendal de sombra sucedia no ar ao pano da tardinha. Campos de um verde vivo, do verde quente que poisa tão bem na oca daquela borda cantábrica, eram negros, meditabundos e sossegados. E então pensei que aquele

desfavor entranhado com que a espanhola se despedia de França, eu vagamente o sentia, embora a mente mo emendasse prestes, e que no íntimo de nossos seres, ali adrede encontrados, havia o quê de profundo, de irrecusável, que nos unia. No colapso dos tempos, D. Quichote e Camilo abraçavam-se, irmãos.

Êste abraço entre Camilo e o cavaleiro da triste figura, trocado em meu pensamento, poderá parecer-vos um tanto ou quanto estranho. Todavia é o próprio escritor que no-lo torna verossímil, entre outros passos de sua obra, numa passagem do livro *No Bom Jesus do Monte*. Quando o surpreende a notícia do casamento de Aldonsa, declara expressamente: « Atordoado pela pancada..., não sabia se devia consolar-me lendo o *Manual de Epicteto*, se as *Prisões de Silvio Pellico*. Fechei os olhos: tirei á ventura um livro da estante, e sahiu-me o *Dom Quichote*. Li, chorei e consolei-me. E' que eu tinha entrado no amago do atormentado coração que se desafogava nas risadas loucas, asperrimas e moralissimas d'aquelle livro ».

Como se vê, há até entre as figuras ambas, mais que um fraterno amplexo, uma penetração recíproca, estrutural, acabada. ¿ O que é, de resto, o Engenhoso Fidalgo, senão o persistente espírito cavaleiro que se homiziou na península e que perdura em Camilo? Nado em berço bretão, êsse lendário cavaleiro emigra com nossos avós, os celtas, para aquém-Pirenéus. E' o Amadis de tão perfeita lealdade e ardido entendimento. Adora a Oriana e, segundo uns, desposa-a; segundo outros, nem lhe macula a fímbria do vestido. Também D. Alonso Quijano nunca encontrou Dulcinea; contudo fala dela como se a houvesse visto: « ¿ E' possível — estranha o nosso herói, com aquele sobrecenho ingénuo com que diz: « *ruin villano!* » —

é possível, em verdade, que o nome de uma tão grande princesa não haja chegado a ouvidos vossos?»

Mas, transcursa a idade média, o cavaleiro comum a tôdas as pátrias da Ibéria parece gasto e anacrónico. Dá ainda — em Portugal, sobretudo — os exemplares humaníssimos do tipo dos *altos infantes*, navegadores e guerreiros. Na agonia do século XVI produz o híbrido herói, tão discutido, que se perdeu em Alcácer. Em D. Sebastião, porém, já igualmente se caldeiam o generoso Quichote com o obsecado, mimoso pimpolho da teologia mística, essa teimosa teologia peninsular, já tocada do ecuménico e do apostólico, que houve por bem abrir prima tonsura no belo cabelo a Amadis... Até que a aurora do século XVII havia de pôr para sempre, na panóplia das desdenhadas coisas e com a mão de Cervantes, aquelas adarga e lança, tôda a armadura refeita a papelão e a grude, com que Quichote saíu a brigar, um dia, da porta dum curral. Ah! Mas não vejamos na genial novela o epitáfio de cavaleiro, aonde passaria, a-par dum bico de ave de necrópole uma àsa de epigrama. Vejamos antes a autobiografia satírica, a um tempo scéptica e fervorosa, verdadeiro contraste de desconsôlo e de fé, do descendente do mais antigo celta que cavalgou na península. Ele cumpre o seu destino, mau grado a realidade que a cada passo o retém. Rasga com naus as bretmas, e com as lanças já bôtas conquista os ares e os moinhos. Em balde o espírito mensor, que lhe veio de Roma, o desenganará às vezes, lhe mostrará a assustadora diferença entre o finito e o infinito. Ele sabe que o guia um mito, mas lá vai. Nêle a razão é tíbia, o peito forte. E de figura em figura, amesendado à tavola redonda dum ideal muito nosso, reincarna em Camilo para sofrer de novo, não tanto já as irrisões da turba, mas as paixões duma terra onde os castelos são vendas, como no tempo de Cervantes.

## III

A linhagem peninsular de Camilo escapou a quási todos os arroladores da sua obra, em cuja milícia, àparte os bons romeiros, só se lobrigam mercadores fuínhas com seus jericos apregoando:

— *¡Compram-se rascunhos, alfinetes e outras curiosidades de Camilo Castelo Branco!*

Não admira. Ao bufarinheiro só convêm as agulhas. Mas, porque a nobreza obriga, outrotanto não sucedeu a Ramalho e a Eça de Queiroz. O primeiro, no estudo crítico que precede a nona estampa do *Amor de Perdição*, declara isto: «O romanesco de Camillo Castello Branco é — transportado ás condições da vida contemporanea — o romanesco dos hispanhois do século XVII. Procede inicialmente da dymnastia dos *Amadises* e dos *Palmeirins*, e participa do genio peninsular de toda a litteratura poetica subsequente: do lyrismo contemplativo de Santa Thereza, do mysticismo dramatico de Calderon e de Lope de Vega, da satira picaresca de Cervantes, de Hurtado de Mendoza e de Quevedo». Quanto a Eça de Queiroz, o maior, o mais digno émulo de Camilo, quási desnecessário seria lembrar agora o passo, ocorrente nessa tão nobre carta que vem nas *Ultimas Paginas*. Entretanto, ei-lo aqui: «...fallando de V. Ex.ª, considero sempre a sua imaginação, a sua maneira de vêr o mundo, o seu sentimento vivo ou confuso da realidade, o seu gosto, a sua

arte de composição, ou a fraqueza ou a força, do seu traço; e, pelo menos, admiro sem reserva em V. Ex.ª o ardente Satyrico, neto de Quevedo, que põe ao serviço da sua apaixonada misanthropia o mais quente e o mais rico sarcasmo peninsular. E os seus amigos, esses admiram em V. Ex.ª sêccamente e pêccamente, o *homem que em Portugal conhece mais termos do Diccionario*».

Aqui ficam as opiniões de dois homens que não fizeram, respeito a seus maiores nas letras, a tal ou qual murmuração de senhora-vizinha que anda ao redor de Camilo. E, já que estou com a mão na massa de castelhanos, vejamos como quadra ao propósito aquele dizer de Cervantes: «que há alguns que se cansam em saber e averiguar coisas, que, depois de sabidas e averiguadas, não importam um ardite ao entendimento nem à memória».

Volvamos agora os olhos para o cerne da prosa camiliana, e veremos, embora de relance, como a sua estrutura nos favorece o asserto.

Em primeiro lugar, descobre-se na madre de tão poderoso estilo o veio que ennervou a fala culta, sôlta nos paços e nas sés, porém entrançado com o filão popular, mais pitoresco. Aparta-se assim do meio termo, não é a língua linguareira e impolida. Guarda, parece, a modulação dos tempos mais remotos que Portugal conheceu, êsses tempos em que as estradas romanas seriam acordadas do tropear, e as quebradas beirãs feridas das vozes das legiões. Já corruto, o latim esboçava na Ibéria os seus dois ramos mais fortes; entretanto, as vozes eram ainda as da língua pedestre, da aravia dos soldados fragueiros nos arredores do pretório. E só à custa de muito sangue e dor, finalmente, o português e o castelhano apareceram, seguiram os rumos de duas diversas culturas, não

sem trazerem cada uma, pegada, alguma carne da outra. Ora, o temperamento do solitário de Seide é dos que têm mais viva essa dolorosa lembrança.

O português de Camilo, que Eça de Queiroz diz talhado pelo figurino de Filinto, é em verdade um policiado idioma em mão dum grande perito. Nada porém nos traz à ideia neste homem o rabujento gramático, com sua férula alçada, sobrecenho flectido em tenebrosa ameaça, e a outra mão respigando na grande seara da língua as já tombadas espigas. Rabuje, se a tem, não manifesta o pedagogo: é o pirronismo próprio de quem sofreu tormentos e estava cheio até aqui... O mais — exuberância, rosáceas de sintaxe e adjectivação a fogo, essa linguagem de multicor embrechado que nos domina e enfeitiça — não é o artifício dos retóricos, que, por terem copiado alguns manuscritos freiráticos, apanham as cócoras dos pergaminhos e as mordeduras dos anóbios. E' mas a língua viva, latejante, solerte, talvez um pouco prejudicada pelos doentes nervos que do cérebro a trouxeram; todavia, como as rochas eterna e como os ventos livre.

Nesta pequena praia do ocidente, como se houvera nascido com fala tarda, desajeitada e custosa, eu vejo Camilo que passeia ao largo reflectindo e sonhando. Visitam-no os belos, formosíssimos pensamentos que se moldaram em português. A candura redolente do verde pino, com D. Denis; as dores da arraia miúda, com Fernão Lopes; rimas de Sá de Miranda; com António Vieira, o sentencioso; com o *Judeu*, a sátira mordente. Sobretudo o visita o eco inapagável das vozes de Camões. Camilo passeia ao largo, o mar parece reminiscência da sua prosa. E, como tritura na amargurada bôca as pedras de Demóstenes, o que em seus livros cai não são palavras, — os frios, inexpressivos *termos do Diccionario* — mas qualquer coisa como um verbo vivo, feito com sangue e pó.

# IV

Se atentarmos, por último, nos mananciais prováveis a que o espírito de Camilo foi pedir alimento, compreenderemos melhor as razões porque foge ao tipo de escritores em que a princípio falei. Esses, os brincadores e preciosos, jornadeiam nos livros com prevenida mente. A alma, que nêles também é valor, parece preservada de tudo o que possa feri-la. Mimosa, é guardada em cristalina redoma. Fora dela desenrolam-se os dramas, o homem desfila com seus trajos e andrajos: sofrimento, a mentira de máscara afivelada, uma alegria com dominó vermelho. Em contra, porém, da dominante psique do vulgo, incapaz de subtrair-se à contra-scena do mundo, êsses espíritos conseguem posição favorável à clara visão dos fenómenos. E, na redoma, suas almas titilam e dèbilmente se comovem.

Eu bem sei que nesta casta há os pobres, insuficientes fazedores de livros, sem grandeza e sem fôrça. Mas há-os também de tal génio que parecem falar-nos a distância, de alguma estrêla pálida e longínqua, cravada porém em tais esferas que dela abarcam seus olhos todo o girar dos mundos. A formação de Camilo, como sabemos, não no-lo insere aqui: pelo contrário, insinua-o na caravana sofredora que todos nós formamos, e onde êle vai com o seu camelo ao lado, a dor por carga, ora soltando pragas ora rezando ao Senhor.

Que vida foi a sua? Nasce em Lisboa, habita em Vila Real, ama na Samardã; aos dezasseis anos casa; é guerrilheiro, raptor, duelista, cábula e boémio. Nada, portanto, daquelas existências sossegadas que dão clareza, serenidade e proporcionado entendimento. Em S. Miguel de Seide, é verdade que o escritor nos parece numa propícia estância. Ali o supomos tranqüilo, e o vergel minhoto — cuidamos — põe-lhe no lábio a frauta de Vergílio,

*Frigida vix coelo noctis decesserat umbra...*

Mas não. O que a manhã topa ali não é a geórgica lêda: — a acácia do Jorge é um poisadoiro de fantasmas. Encontra mas é o grilheta sôbre o papel em branco, a resolver em tinta as lágrimas da véspera. E assim o vale de Camilo, na verdade, é aquele vale de prosa e lágrimas de que o grande Eça lhe fala.

Prometi indagar das fontes de Camilo, mas vou longo, e fiarmo-nos no registo do seu espólio livresco é sermos demais confiados. A livraria do escritor, rica de manuscritos, é pobre na letra redonda; — pobre, pelo menos, se atendermos às exigências naturais dum grande espírito. Ela, contudo, nos instrui do fundo assistemático da sabedoria do mestre, pois nas estantes se justapõem as frutuosas manchas de texto com a linguarice impressa. Andam por lá os sermonários, as crónicas, e adivinha-se na profusão dos livros de viagens e dos roteiros, materiais que êle palpou. Nem deixa de estar neste departamento o *Itinerario da Terra Santa*, a tão delicada prosa de Pantaleão de Aveiro. Em suma: as suas leituras não são o sábio folguedo, essa descuidosa sesta de escritores scépticos e benévolos, os gozadores. Fôsse outra a sua vida, não conspirasse tanto contra êle a sua vis dramática, e teríamos quiçá um Camilo de predilecções helénicas,

de-certo mais universal, porventura menos curioso de ler. Donde se infere que a grandeza camiliana, a sua verdadeira imortalidade, está sujeita às variações de um Portugal castiço e tão típico, que o criou à sua imagem e semelhança — perdulário, ardente, indisciplinado — e a quem êle deu uma prosa perduradoira e nobre, que guarda as gemas da língua.

Meus Senhores: Perdoai das minhas palavras o desacêrto, e ao pensamento pobre que elas vestem emprestai o agasalho da vossa memória boa. Eu sei que são inúteis, embora às vezes possam parecer luzentes; mas vós, os mais confiados, duvidai de todo fulgor que não irradie das ideias. Não há muitos anos que me ensinaram a amar os frutos da razão. Beleza verdadeira, imperecedouro encanto que nada empana ou turva, só ela no-lo dá, essa razão que foi a deusa revolucionária e a pura razão de Kant. Do seu assento etéreo, rege supremamente as mais terrenas acções. E' contingente e humana: por isso duvidai de quem vos disser que a possui. Mas acreditai, a-pesar-de tudo, em tôdas as aparências aonde fôr evidente a sua dedada luminosa.

Digo isto principalmente porque sou moço, e começo a sentir os defeitos de um Portugal não razoável, êste Portugal a que a exuberância de sentimento deu achaque e feitiço, — ainda de bruços sôbre o mar, inda cantando as velas já perdidas. Depois, o crepitar das ameaças, a falsa noção de divisórias eriçadas que afastam igual de igual, que fazem de irmão inimigo, — todo êste lôgro é mal de sentimento. Corrijamo-lo pois. E, se queremos a pátria grande, vivedoura — um Portugal, emfim, que não destôe da comunidade humana aonde é lei o espírito — tentemos preparar a paz de consciência que tanto faltou a Camilo, a cuja

memória tutelar então se aplicariam estas palavras, que, ditas a Renan, Anatole France pôs como vozes da eternidade na bôca duma deusa:

«Recebe de minhas mãos o ramo de oiro que fizeram crescer teus cuidados; vive na glória, vive nos mais nobres corações e nas mais fortes almas dos homens, vive em mim, oh melhor dos meus amigos. Tu obtiveste a immortalidade a que aspiravas. Tudo o que concebeste de belo e de bom permanece, e nada será perdido. Lentamente, mas sempre, a humanidade realiza as quimeras dos sábios».

Monte Arroio, Março de 1925.